

ENGRÁCIA CARDOSO RUI GAIO

CPS NO CCB

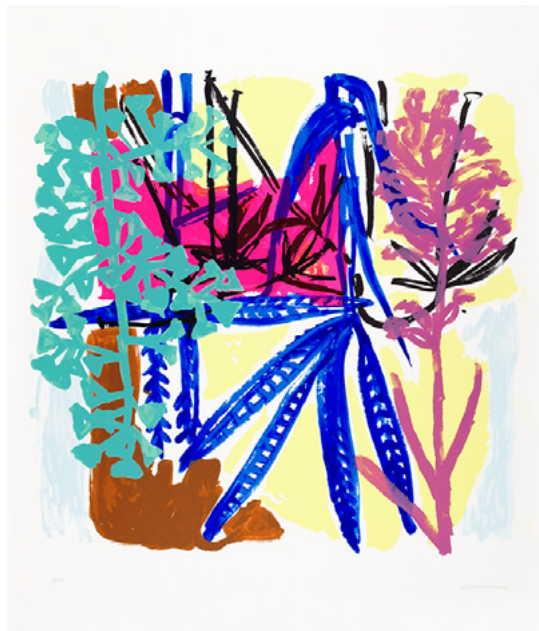
PAISAGENS EFÉMERAS — 7 > 13 JULHO 2023

DO REAL PARA O IMAGINÁRIO
ENGRÁCIA CARDOSO E RUI GAIO EM DIÁLOGO

A obra de Engrácia Cardoso, pintora, gravadora e artista premiada, representada na atual exposição por um conjunto de serigrafias, pinturas e desenhos, enriquece-se hoje com o diálogo que estabelece com o projeto audiovisual e musical “Efémera”, da autoria do músico e compositor Rui Gaio. A imagem plástica que detém o seu próprio movimento interior e a imagem em movimento dos vídeos, ambas animadas pela música, fundem-se numa mesma linguagem que unindo o real e o imaginário realiza a grande e nunca interrompida viagem das formas em busca do seu sentido primeiro.

PAISAGENS RECORTADAS NA MEMÓRIA DE ENGRÁCIA CARDOSO

Engrácia Cardoso apresenta-nos hoje mais uma página do seu muito particular álbum de memórias inspirado neste caso por uma experiência de emigração em Trás-os-Montes, envolvendo um grupo de duas mulheres e várias crianças que seguiram um trilho entre pedras, ervas daninhas e uma vegetação silvestre, rumo ao que sonhavam ser uma realidade libertadora.



Novas serigrafias de Engrácia Cardoso: Paisagem Recortada I e Paisagem Recortada II
Dim: 83 x 70 cm, Ed. de 100 exemplares numerados e assinados

O espaço real torna-se assim o ponto de partida de uma natureza imaginada, num processo que a própria artista descreve: *“A construção do caminho levou à realização de um projeto de continuidade que me ligou à viagem, às suas nuances particulares e à paisagem. (...) Diante de uma natureza soberana, a paisagem apresenta-se num espaço pictórico e fotográfico. Partindo dos elementos soltos da natureza, riscando, desenhando, fotografando, embrenhando-nos no caos da vivência e da imaginação. Depois de uma grande fuga foi-nos revelado o caminho de chegada, dando forma e visibilidade a este*

projeto. Não se trata tanto de uma revelação, mas da construção da intimidade no desejo de nos abirmos e nos transcendermos num diálogo silencioso.”

Deste diálogo entre a natureza vivida e um espaço alimentado por memórias e silêncios férteis, nasce a exuberância das formas recortadas e coloridas deste universo, num jogo entre os traços finos, matisseanos e as manchas de cor, em sobreposições audaciosas, numa paleta que harmoniza tons frios e quentes realçados pelo negro.

A artista convida-nos uma vez mais, com a sua flora imaginada, à revisitação do paraíso perdido de uma paz e de uma felicidade anteriores à nossa civilização, e que deveriam inspirá-la. Conjugando o vivido e uma arqueologia da memória que recupera o sonho de uma Idade de Ouro que nos aproxima de uma natureza original, fonte de bem-estar e sabedoria. A fuga é aqui em direção à festa dos sentidos apelando à reconquista do tato, dos sabores e dos perfumes, de uma alegria perdida, a coisa mais séria da vida segundo Mestre Almada. Do real para o imaginário que dela se nutre para eclodir nas formas palpitantes de vida e sensualidade mágica que hoje nos é dado apreciar.

PROJETO “EFÉMERA” DE RUI GAIO



Rui Gaió, por sua vez, apresenta-nos uma instalação audiovisual com projeção de imagens acompanhadas de provas do álbum-livro “efémera”, criado em serigrafia por Filipa Oliveira e João Flecha (Sud Sud) com a direção artística de Catarina Machado.

Este projeto audiovisual e musical incide sobre o dia-a-dia de pessoas, lugares e “não-lugares”, na perspetiva do autor, segundo o qual “numa frenética odisseia criativa, a experiência do quotidiano é convertida em peças musicais, combinada com imagens em movimento e imediatamente publicada.” Tendo como base

piano e sintetizadores, estas peças designadas de *everydays* “vão-se avolumando até completar o objetivo utópico de alcançar o número 365”, num poético registo que junta o vivido e o imaginado.

O artista pretende assim captar a efemeridade da experiência, reunindo a vertente plástica da imagem fotográfica em movimento nos seus vídeos e o fundo musical. Registo de instantes que relevam da contemplação e da meditação, com uma componente quase zen de abandono da consciência e de entrega à magia do instante, na metáfora da chama, que parece arder sem se extinguir, prolongando o seu mistério no fundo de uma noite povoada de sonhos e pesadelos. Ou na imagem dos canaviais que se agitam à passagem do vento, ou de uma qualquer vibrante e desconhecida força da natureza.

A natureza é aqui fonte de conhecimento e convite à fruição do momento fugitivo e no entanto pleno de sentidos ocultos e de subtis evidências. O humano está sugerido e presente, na imagem do casal que habita estes espaços anónimos, em que se esbatem os contornos e permanece a espécie de pasmo, de abandono das figuras, extáticas e expectantes no seio da amálgama de formas caóticas envolventes.

Uma muito particular poética dos objetos, dos elementos e dos espaços que agradaria a Gaston Bachelard, que nos ensina a aprofundar o sentido poético e místico das imagens, a caminhar do visível para o invisível, verdadeira “migração” do espírito que anseia os domínios encantados a que realmente e originalmente pertence.

Maria João Fernandes

Crítica de Arte, AICA, Associação Internacional de Críticos de Arte, Poeta.